

# MUNDO EM FOCO

Projeto de Autonomia  
e Flexibilidade  
Curricular

Turma 10.º F | 2023-2024



## **Mundo em Foco**

Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular

Turma 10.º F | Ano Letivo 2023-2024

Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira

Escola Secundária Henriques Nogueira

2560-273 Torres Vedras

<http://www.aehn.net>

junho 2024

CDU 070

# Índice

Introdução .....	2
Grupo 1 .....	4
<u>Álcool como fuga jovem</u> .....	6
<u>Educação como prioridade</u> .....	7
<u>Problemas que nos tiram o sono</u> .....	8
Grupo 2 .....	9
<u>Diga não à violência!</u> .....	10
<u>Um mundo de conflitos</u> .....	11
<u>O impacto dos descobrimentos</u> .....	12
<u>A cultura portuguesa na perspetiva de Hollywood</u> .....	13
Grupo 3 .....	14
<u>Ucrânia devastada: o grito por ajuda!</u> .....	15
<u>Crise na educação: Alunos em risco</u> .....	16
<u>Preservação de Zonas Húmidas: Urgência e Responsabilidade Ambiental</u> .....	17
Grupo 4 .....	18
<u>A tática de autodestruição</u> .....	19
<u>Pés na Terra, cabeça na lua</u> .....	20
<u>Redenção portuguesa?</u> .....	21
Grupo 5 .....	22
<u>Morrer é a única saída?</u> .....	23
<u>O mundo em aquecimento</u> .....	24
<u>Será que ao fim de tantos anos a reforma recompensa?</u> .....	25
Grupo 6 .....	26
<u>Será este o caminho?</u> .....	27
<u>Estará a nossa segurança em risco?</u> .....	28
<u>Inteligência artificial: um divisor de águas</u> .....	29
<u>Até onde emigrará o nosso futuro?</u> .....	30
Grupo 7 .....	31
<u>Caso Cláudia Simões: a aflição do racismo!</u> .....	32
<u>Violência doméstica: a justiça em falta</u> .....	33
<u>O sangue do passado respinga no presente!</u> .....	34
Grupo 8 .....	35
<u>O racismo invisível torna-se fluorescente</u> .....	36
<u>A necessidade urgente de tomar partido</u> .....	37
<u>A revolta do nosso planeta</u> .....	38
Grupo 9 .....	39
<u>Caso das gémeas</u> .....	40
<u>A arte de uma política irónica</u> .....	41
<u>Uma negligência destrutiva</u> .....	42
<u>Extremismos e individualidades nas redes sociais</u> .....	43

# Introdução

O projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular *Mundo em Foco* surgiu da necessidade de dar resposta a um problema muito específico da nossa turma, diagnosticado no início do presente ano letivo: dificuldades de leitura/ interpretação e, sobretudo, de expressão escrita. Considerou-se, por isso, que, além das atividades realizadas nas aulas das várias disciplinas que têm como objetivo desenvolver competências nesses domínios, seria importante que realizássemos um projeto que implicasse que escrevêssemos com maior regularidade.

Assim, nasceu o projeto *Mundo em Foco*. Ao longo do ano, organizados em grupos de trabalho, lemos o jornal PÚBLICO, escolhemos, de forma autónoma, uma publicação cuja temática suscitasse o nosso interesse, fizemos uma pesquisa sobre a mesma e escrevemos um texto de opinião, mobilizando aprendizagens realizadas em várias disciplinas. Depois, recebemos o *feedback* dos nossos professores, o que nos ajudou a melhorar e a aperfeiçoar os nossos textos.

Nos gráficos estatísticos abaixo apresentados, elaborados na disciplina de MACS, é possível obtermos uma visualização rápida sobre alguns pontos-chave deste projeto.

Como se pode observar no gráfico 1, foram elaborados trinta textos, mobilizando, de forma autónoma, aprendizagens das disciplinas indicadas. A disciplina de Português surge em destaque, uma vez que todos os textos implicaram o desenvolvimento de competências de escrita.

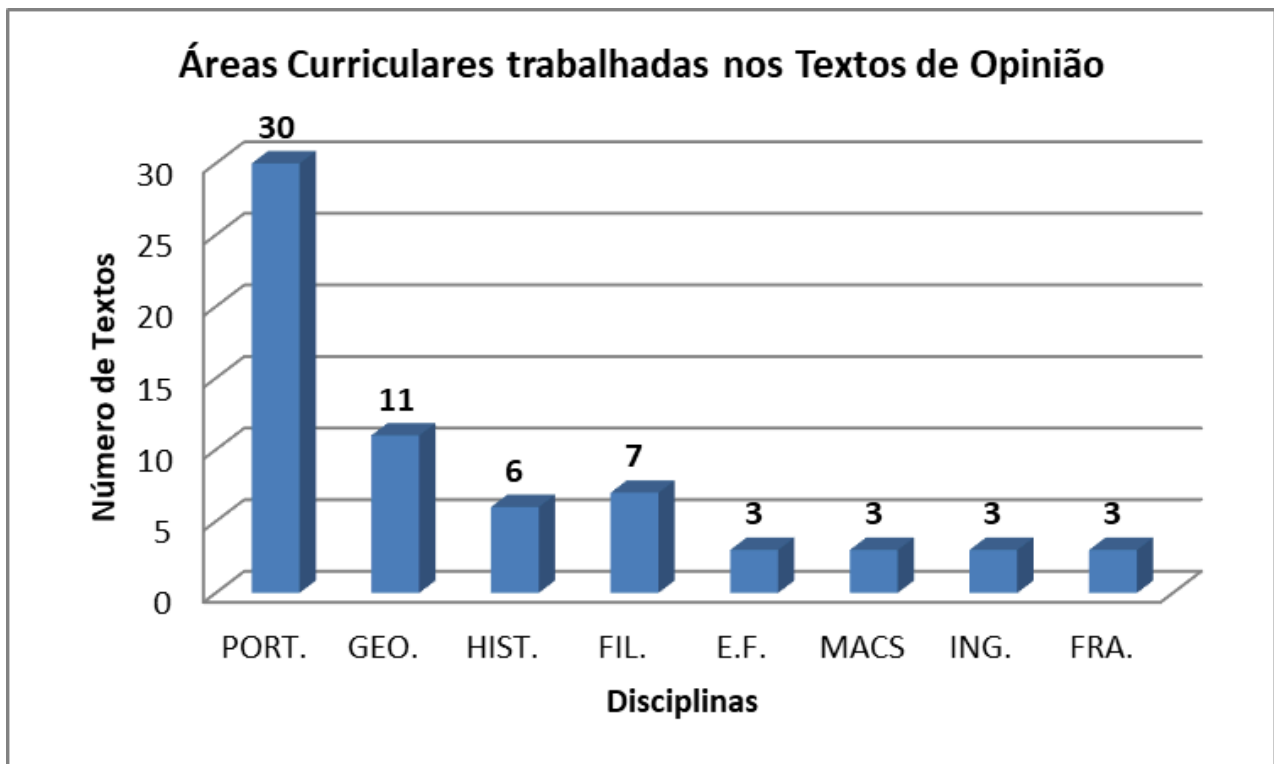


Gráfico 1

Outra vertente importante do projeto está relacionada com a abordagem de temas que se inscrevem nos domínios da Educação para a Cidadania, associados aos assuntos que foram objeto de reflexão, pesquisa e escrita em cada um dos momentos do trabalho.

No gráfico 2, apresenta-se a distribuição do número de textos realizados pelos domínios da Educação para a Cidadania.

Como podemos observar, foram trabalhados, sobretudo, cinco domínios, com predominância dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável. Também foram contemplados, em número considerável, o domínio da segurança, defesa e paz, assim como o da educação ambiental.

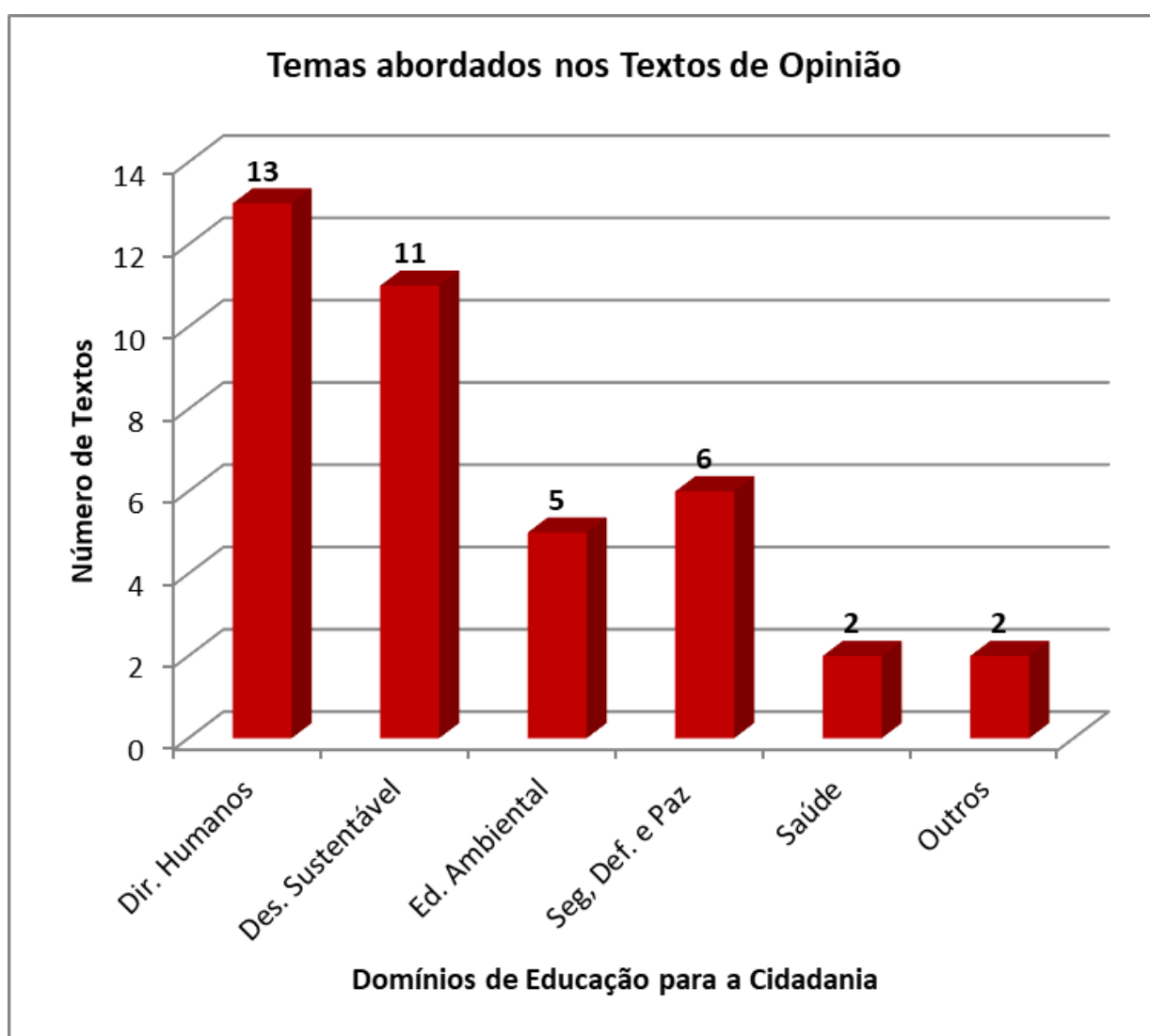
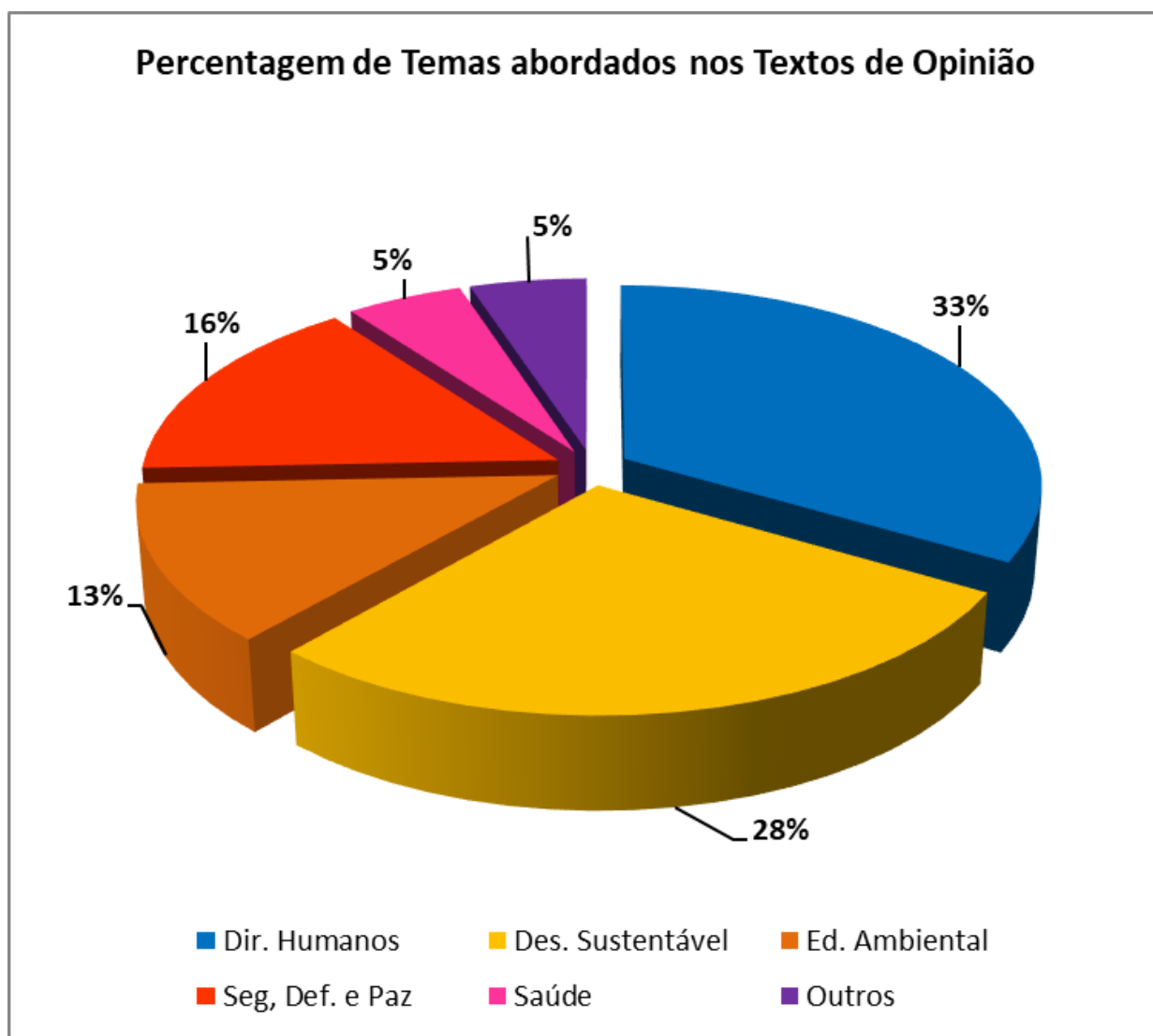


Gráfico 2

No gráfico 3, conseguimos aceder à distribuição percentual dos temas de Educação para a Cidadania abordados nos textos de opinião realizados ao longo do ano.



**Gráfico 3**

Depois de validada a versão final dos textos produzidos, procedeu-se à agregação e organização dos mesmos no presente *e-book*, com recurso às ferramentas digitais *Canva* e *Heyzine Flipbooks*.

A produção do *e-book* contou com o apoio da biblioteca escolar e do jornal escolar FOCO, que irá promover a sua publicação enquanto edição especial.

O *e-book* passará, também, a integrar a biblioteca digital do Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira, após indexação e catalogação pela professora bibliotecária.

# Grupo 1

Eva Fonseca  
Leonor Tomé

# Álcool como fuga jovem



O artigo “Consumo excessivo de álcool começa cada vez mais cedo”, publicado no jornal PÚBLICO, no dia 12 de novembro de 2023, vem alertar para um problema que afeta cada vez mais a população juvenil, destacando-se a quantidade de jovens transportados pelo INEM por intoxicação alcoólica só neste último ano.

Hoje em dia, a venda de álcool a menores tornou-se cada vez mais fácil e agravou-se ao longo dos anos. Como consequência da pandemia, o consumo de álcool pelos jovens entre os 15 e os 20 anos sofreu um aumento significativo comparado com os anos anteriores a 2020. Uma das causas apontadas pelos especialistas relaciona-se com uma maior permissividade dos pais, que permitem aos filhos a frequência de zonas de diversão noturnas onde não lhes é pedida a identificação para a ingestão de bebidas alcoólicas. Para além das saídas à noite, os jovens tendem a beber para prazer imediato, para se abstraírem do *stress* do dia a dia, que poderá ser causado pela escola, pelos pais ou até pelo local de trabalho, no caso dos jovens que já trabalham a tempo inteiro ou em *part-time*. O consumo de álcool tem sido também associado à vontade de desinibição social em situações de convívio.

Depois de analisar este artigo, nós propomos uma questão geral: será que a responsabilidade pelo consumo excessivo de álcool nos jovens é inteiramente deles próprios ou também os pais e os comerciantes têm alguma influência nos seus atos?

## Referências

Cordeiro, A. (2023, 12 de novembro). Consumo excessivo de álcool começa cada vez mais cedo. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/11/13/mundo/noticia/dois-maiores-hospitais-gaza-cercados-forcas-israelitas-2070066>

Geralt. (2022, 1 de outubro). Criança junto a garrafas [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/illustrations/zona-de-guerra-8569992/>



# Educação como prioridade



O artigo “Abandono escolar sobe na pós-pandemia, ministério fala de anos atípicos” do jornal PÚBLICO, de 8 de fevereiro de 2024, chamou a nossa atenção pelo facto de traçar um retrato algo irregular da taxa de abandono escolar no nosso país, apresentando, de forma comparativa, os valores de 2023 face aos de 2020.

De acordo com a análise apresentada, nas últimas três décadas houve uma redução bastante significativa na taxa de abandono escolar, o que é bastante benéfico para o país, pois a mão-de-obra qualificada é o principal recurso no desenvolvimento do mesmo. Em termos factuais, em 2020 o valor desta taxa era de 9,1%, tendo conseguido diminuir significativamente até 2022, chegando aos 6,5%. No entanto, no ano seguinte, os valores voltaram a aumentar bastante, atingindo-se os 8%.

Por outro lado, também é possível considerar estes dados numa perspetiva de género: os valores relativos ao abandono escolar no sexo masculino são bastante superiores aos valores do sexo feminino, visto que, maioritariamente, cerca de um rapaz em cada dez deixa os estudos antes do tempo. Atualmente, estes valores correspondem a cerca de metade dos registados em Portugal em 2016, ano em que a taxa de abandono estava bastante acima da média europeia, conseguindo-se, desta forma, pela primeira vez, estar abaixo da mesma no ano 2020.

Assim, para atingirmos o objetivo da União Europeia de alcançar uma taxa de abandono escolar inferior a 9% em 2030, será necessário, na nossa perspetiva, tomar medidas efetivas para incentivar os jovens a permanecer nas escolas e garantir boas oportunidades educacionais a todos.

## Referências

LUSA. (2024, 8 de fevereiro). Abandono escolar sobe na pós-pandemia, ministério fala de anos atípicos. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/02/08/sociedade/noticia/abandono-escolar-sobe-pospandemia-ministerio-fala-anos-atipicos-2079773>

Monstera Productions. (2020, 19 de dezembro). Aluno com caderno [Fotografia]. Pexels. <https://www.pexels.com/pt-br/foto/homem-mesa-balcao-caderno-6237967/>

# Problemas que nos tiram o sono



O artigo «Estamos sem comer há 3 dias”: cheias no Brasil somam 150 mil desalojados e 100 mortes» do jornal PÚBLICO, de 8 de maio de 2024, vem informar-nos sobre o grande problema que o Brasil tem estado a passar nestas últimas semanas.

Desde o início desta catástrofe, o número de mortes, desaparecidos e desalojados tem vindo a aumentar a cada dia que passa. Há cada vez mais pessoas a passar fome e em desespero, não só em busca de alimentos, como também de suprimentos básicos. Esta situação faz-nos refletir sobre o aquecimento global, que tem vindo a afetar cada vez mais o nosso planeta. Segundo o investigador Marcelo Schneider, investigador do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), este problema agrava e intensifica os fenómenos extremos, como o que se verificou no Brasil, tornando o tempo imprevisível. Estas cheias foram atribuídas à conjugação de três fatores: uma onda de calor que aqueceu as águas do Oceano Pacífico e trouxe chuvas para o sul do Brasil; uma frente fria com chuvas e vendavais vindos da Antártida; e a um calor incomum do Oceano Atlântico, que também aumentou a humidade.

Como já referimos anteriormente, o aquecimento global é um dos maiores problemas que o mundo enfrenta com o passar dos anos. As mudanças climáticas são sentidas por todo o globo, tornando necessárias as ajudas internacionais para combater este obstáculo que nos afeta cada vez mais. O aquecimento global é, sobretudo, causado pela atividade humana e, por consequência, os ecossistemas também estão a sofrer. A indústria extrativa é uma das atividades que mais causam impactos ambientais e, como tal, devem ser tomadas medidas para diminuir a libertação de dióxido de carbono e o desmatamento de árvores.

Em conclusão, após os problemas apresentados, achamos que é necessário tomar ações urgentes para estabilizar estas dificuldades e, aos poucos, trabalhar para as resolver, protegendo, assim, o futuro do nosso planeta.

## Referências

Reuters. (2024, 8 de maio). Estamos sem comer há 3 dias”: cheias no Brasil somam 150 mil desalojados e 100 mortes. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/05/08/azul/noticia/comer-ha-tres-dias-cheias-brasil-somam-150000-desalojados-100-mortes-2089647>

Hans. (2013, 25 de junho). Inundação [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/inundar-banco-de-parque-inundado-123222/>

# Grupo 2

Andreea Bogaciuc

Gonçalo Alves

Luana Filipe

# Diga não à violência!



Na notícia do PÚBLICO intitulada “Dois maiores hospitais de Gaza cercados por forças israelitas”, da edição de 14 de novembro de 2023, apresenta-se o caso dos ataques israelitas ao hospital de Al-Quds, o segundo maior de Gaza.

Depois do ataque, o combustível esgotado e a falta de eletricidade causaram os principais prejuízos, afetando a população, principalmente os recém-nascidos, que têm uma imunidade baixa. Toda esta situação tem na origem o facto de as forças militares do Hamas terem utilizado estruturas civis com o objetivo de se protegerem da ofensiva israelita. Devido à proteção especial concedida aos hospitais pelo direito internacional humanitário, dezenas de milhares de pessoas juntaram-se nas imediações do hospital, acreditando que estariam a salvo dos ataques de Israel. Por isso, o que acabou por acontecer é considerado uma violação das convenções de Genebra, em que incorreram tanto o Hamas como as forças de Israel.

No nosso ponto de vista, a situação ocorrida infringe, de forma grosseira, os direitos humanos. Mesmo relativamente a questões simples do dia a dia, devido aos ataques constantes, deixa de haver saneamento básico, com as graves consequências que todos imaginamos para a população. Esta situação acaba por ser um absurdo, pois encontramos-nos no século XXI.

Os conflitos entre países deverão ser resolvidos através de discussões saudáveis pelas vias diplomáticas e não através da aplicação de forças militares, que causam estragos tanto a nível económico, como a nível social, urbano e, sobretudo, humanitário.

Em suma, esta situação não deve repetir-se, pois, desnecessariamente, causam-se mortes, separações, crises, tristeza e traumas. Nas crianças, isso provoca um impacto ainda maior, arruinando as suas lembranças e as suas expectativas face ao mundo em que estão a crescer.

## Referências

Guimarães. (2023, 13 de novembro). Dois maiores hospitais de Gaza cercados por forças israelitas. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/11/13/mundo/noticia/dois-maiores-hospitais-gaza-cercados-forcas-israelitas-2070066>

SAFARY248. (2024, 15 de fevereiro). Cenário de guerra [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/illustrations/zona-de-guerra-8569992/>

# Um mundo de conflitos



Na notícia “Drones ucranianos atingem refinaria russa em Volgogrado”, do PÚBLICO, do dia 4 de fevereiro de 2024, é relatada a ocorrência de um ataque da Ucrânia contra instalações bélicas localizadas na Rússia.

Ao longo da notícia, podemos perceber o grande impacto negativo causado pela invasão russa nos dois países, que veem o seu armamento militar reduzido, além das incontáveis perdas das vidas humanas. Conforme noticiado, o ataque acabou por acarretar consequências terríveis, tais como: incêndios, a perda de capacidade de produção de combustível, a destruição de uma parte das infraestruturas e a quebra na logística do fornecimento de combustível para auxiliar as máquinas de guerra. Da mesma forma, acabou por prejudicar, em larga escala, a economia e os bens materiais, violando, ao mesmo tempo, muitos dos direitos humanos.

Do nosso ponto de vista, não deveria existir sequer a base destas ofensivas, ou seja, a guerra. Se não houvesse conflitos como este, não aconteceria nada do que foi referido acima. Poupar-se-iam vidas, espaços de trabalho, diversas instalações e evitar-se-ia a ruína de economias até há muito pouco tempo sustentáveis. Por outro lado, analisando a situação do ponto de vista ambiental, importa, igualmente, referir a consequência gravosa da destruição excessiva do planeta Terra; com toda a destruição, acabamos por devastar não só vidas humanas e bens materiais, como também uma parte significativa do mundo em que vivemos.

Em suma, tal como o ataque referido na notícia o demonstra, são inúmeras as consequências devastadoras de um cenário de guerra. Devemos todos, por isso, trabalhar em prol de um bem maior, tendo mais consciência do impacto provocado pelas nossas ações.

## Referências

Reuters. (2024, 3 de fevereiro). Drones ucranianos atinge, refinaria russa em Volgogrado. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/02/03/mundo/noticia/drones-ucranianos-atingem-refinaria-russa-volgogrado-2079183>

Theater of war.[Fotografia].(2014, 21 de outubro).Pixabay. <https://pixabay.com/illustrations/theater-of-war-war-apocalypse-494345/>



## O impacto dos Descobrimentos: um tesouro histórico e cultural

Na notícia do PÚBLICO “Navios da época moderna descobertos em Lisboa”, do dia 5 de maio de 2024, destacam-se várias descobertas de barcos e outros artefactos da época dos Descobrimentos, que têm vindo a ser feitas ao longo de numerosos anos. O assunto deste artigo é de extrema importância, dado que aborda um período muito marcante no passado português.

Por outras palavras, apesar de se reconhecerem as suas consequências menos positivas, os Descobrimentos tiveram, sem dúvida, um impacto positivo na nossa História, fazendo com que os tirássemos partido da nossa localização geográfica. Os navios foram essenciais para tal poder acontecer, sendo eles a maior prova dos feitos portugueses. É, por isso, realçada na notícia a grandiosidade do pioneirismo português, tal como o engenho na construção dos primeiros navios. Porém, refere-se, de igual maneira, uma grande degradação dos barcos.

No nosso ponto de vista, é fundamental preservar os barcos e quaisquer outros testemunhos históricos dos Descobrimentos, que foram o primeiro e o mais importante passo para a globalização, tendo sido, também, essenciais para a evolução da mentalidade dos vários povos europeus. Muitas das mercadorias estrangeiras passaram pelos barcos da nossa nação pela primeira vez. Os vários produtos permitiram ter uma melhor noção da existência de outras culturas e da variação da alimentação.

Por outro lado, a diversidade cultural e linguística adquiriu pela primeira vez uma importância significativa. Por isso, os navios que se podem recuperar agora não são devem ser vistos só como bocados de madeira, mas como objetos que refletem a história dos nossos antepassados.

Em suma, esta notícia faz-nos refletir sobre o início da globalização e a dedicação dos primeiros marinheiros, que se demonstraram muito corajosos perante o começo de um "novo mundo". A fé depositada nos barcos, que hoje representam vestígios importantes da época dos descobrimentos, mostra o espírito de lealdade e união de um povo para com o seu país.

### Referências

Serafim, T.(2024, 5 de maio). Navios da época moderna descobertos em Lisboa: “Há ainda muita investigação para fazer”. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/05/05/local/noticia/navios-epoca-moderna-descobertos-lisboa-ha-investigacao-2088800>

LoggaWiggler.(2014). Pormenor do Padrão [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/photos/lisbon-lisboa-211499/>

# A cultura portuguesa vista por Hollywood



No dia 22 de janeiro de 2024, o jornal PÚBLICO publicou uma notícia intrigante com o título “*Pobres Criaturas* - filme sensação coloca Emma Stone numa Lisboa futurista”, que chamou a nossa atenção para o facto de a capital portuguesa ter sido destacada pelo cinema de Hollywood.

A notícia refere diferentes aspetos do filme, entre os quais a ênfase dada à cultura portuguesa, a originalidade da história representada e o talento e a maestria dos atores. Não deixam de nos surpreender as distinções que o filme já tem, somando, até à data, mais de 300 nomeações e 63 vitórias, mas o que mais nos prende é o destaque dado à intemporalidade da cultura portuguesa, que é representada no filme, pois, apesar de a protagonista se encontrar numa Lisboa futurista, há coisas que não deixam de representar Portugal. Um dos símbolos de Portugal acaba por ser a sua gastronomia: “E o momento em que a protagonista come pastéis de nata é um dos mais encantadores da obra, misturando comédia com a emoção da descoberta.” Além disso, é referida a música como outro fator chave da cultura portuguesa: “Carminho interpretou o fado *O Quarto (Fado Menor)*, que canta no filme...”.

Por outro lado, o filme revela também, de forma crítica, alguns aspetos da nossa sociedade, que não são exclusivos de Portugal, como, por exemplo, o facto de a mulher ter um papel secundário: “Bella é uma mulher infantilizada, sem vontade própria e totalmente dominada e controlada por homens, que assumem o controlo da sua vida, do seu corpo e do seu destino.” A par dessa questão, abordam-se, igualmente, temas como o preconceito e as regras que devem ser quebradas em prol da liberdade e da igualdade.

Como não podia deixar de ser, atendendo ao elenco de luxo do filme, a notícia realça, entre outros fatores, o excelente trabalho realizado pelos atores, “com destaque para Emma Stone, Mark Ruffalo, Willem Dafoe, Rami Youssef, Jerrod Carmichael, Christopher Abbott e Margaret Qualley.”

Assim, pelo conjunto de fatores acima mencionados, o filme *Pobres Criaturas* afigura-se uma sensação que não se pode mesmo perder.

## Referências

Estúdio P.(2024, 22 de janeiro). “Pobres Criaturas - filme sensação coloca Emma Stone numa Lisboa futurista”. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/01/22/estudiop/noticia/pobres-criaturas-filmesensacao-coloca-emma-stone-lisboa-futurista-2076862>

Hollywood [Fotografia]. (2017, 17 de agosto). Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/hollywood-los-angeles-calif%C3%B3rnia-2651223/>

# Grupo 3

João Tojal  
Juandro Fernandes  
Martim Santos



# Ucrânia devastada: o grito por ajuda!



A imagem apresentada no jornal PÚBLICO a 9 de novembro de 2023 alusiva à guerra da Ucrânia é um testemunho chocante dos horrores que se vivem neste país. A destruição da casa, que se pode ver na fotografia, é um símbolo triste dos estragos e do sofrimento que as pessoas enfrentam neste conflito.

A guerra na Ucrânia representa um capítulo trágico da história contemporânea, caracterizado por conflitos armados e consequências humanitárias devastadoras. A região de Donetsk, sob controlo da Rússia, tem sido palco de intensos bombardeamentos, deixando um rasto de destruição material e de inúmeras vidas destroçadas, como exemplificado na imagem em destaque.

A nosso ver, a comunidade internacional enfrenta o desafio moral de lidar com a crise humanitária que se desenrola nesta parte do mundo. É necessário que os líderes globais se unam em esforços diplomáticos significativos para buscar uma resolução pacífica, priorizando a proteção dos direitos fundamentais da população afetada. A tragédia na Ucrânia destaca a necessidade urgente de cooperação internacional para prevenir e resolver conflitos, promovendo a paz e a estabilidade.

Por outro lado, a imprensa desempenha um papel crucial ao sensibilizar o público para a gravidade da situação, como evidenciado pela imagem impactante da mulher no meio dos destroços. Importa ter em conta que a consciencialização pública é o primeiro passo para mobilizar apoios e pressionar as lideranças políticas a adotarem ações concretas em prol da resolução deste conflito.

Em resumo, na nossa perspetiva, a guerra na Ucrânia exige uma resposta global, onde a diplomacia, a sensibilização pública e a cooperação internacional desempenham papéis essenciais na busca por uma solução que restabeleça a paz e respeite os direitos humanos. Juntos, podemos trazer esperança e um futuro melhor para a Ucrânia.

## Referências

ZOOM. (2023, 9 de novembro). Mulher destroçada após bombardeamentos recentes na região de Donetsk, na Ucrânia controlada pela Rússia. [Fotografia]. PÚBLICO, p. 13.

# Crise na educação: alunos em risco



O artigo «Provas de aferição: “Temos alunos que não estão a aprender o que deviam”», da autoria de Cristiana Faria Moreira, revela uma situação preocupante no nosso sistema educativo, especialmente em relação ao ensino da disciplina de Português. As conclusões apontadas pela Associação de Professores de Português e pelo IAVE indicam que os alunos estão a enfrentar dificuldades significativas em alcançar os níveis desejados de aprendizagem, especialmente em habilidades mais complexas, como interpretação, inferência, resolução de problemas, entre outras.

Uma das questões levantadas é a falta de recursos nas escolas, o que limita a capacidade dos professores de fornecerem o apoio necessário aos alunos, principalmente àqueles com maiores dificuldades. Essa escassez de recursos reflete-se não apenas na qualidade do ensino, mas também na (falta de) capacidade de abordar atividades mais desafiadoras e estimulantes para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

A pandemia da COVID-19 terá certamente agravado esta situação, mas não deve ser vista como a única causa dos problemas educacionais. Há uma necessidade urgente de reavaliar as abordagens de ensino, privilegiando atividades que promovam o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Isso requer uma reformulação tanto da formação inicial como da formação contínua dos professores, sendo necessário prepará-los para que possam ensinar de modo mais dinâmico e eficaz.

Além disso, são propostas medidas concretas para a recuperação das aprendizagens perdidas, como programas de mentoria e atividades de reforço durante as férias escolares. Estas iniciativas podem ajudar a complementar o trabalho realizado em sala de aula e proporcionar um apoio adicional aos estudantes que mais necessitam.

Em resumo, o artigo destaca a necessidade urgente de uma abordagem mais abrangente e proativa para enfrentar os desafios educacionais em Portugal. Somente com um esforço conjunto e coordenado será possível garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade e estejam devidamente preparados para os desafios do futuro.

## Referências

Moreira, C. F. (2024, 23 de janeiro). Provas de aferição: “Temos alunos que não estão a aprender o que deviam”. *PÚBLICO*, pp. 14-15.

Picjumbo.(2015, 30 de julho). Criança a jogar [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/filho-crian%C3%A7a-jogar-estude-cor-865116/>

# Preservação de Zonas Húmidas: Urgência e Responsabilidade Ambiental



A degradação das zonas húmidas em todo o mundo é um sinal de alerta sobre o impacto das atividades humanas no ambiente. Decidimos abordar este tema porque se refere a um assunto que estudámos em Geografia e que consideramos da maior relevância.

Países como os da Europa, os Estados Unidos, a China, a Índia, a Rússia e a Indonésia testemunharam uma perda significativa desses ecossistemas, impulsionada principalmente pela conversão de terras para agricultura, cultivo de arroz e expansão urbana. Esta é uma tendência alarmante que não pode ser ignorada. A perda de zonas húmidas não é apenas uma questão ambiental, mas também uma preocupação de saúde pública com impacto no bem-estar humano. Estes ecossistemas desempenham um papel crucial na regulação do clima, no fornecimento de água potável e até na proteção da biodiversidade. Os danos continuados nessas áreas podem levar a consequências devastadoras, incluindo o aumento das inundações, a escassez de água e a perda de *habitats* naturais para inúmeras espécies.

É necessário tomar medidas para agir com urgência, de modo a reverter esta tendência preocupante. Os cientistas avisam que, se nada for feito, poderemos enfrentar perdas irreparáveis, com consequências catastróficas para o ambiente e para as comunidades humanas que dependem destes recursos naturais. Por isso, é nossa responsabilidade tomar medidas imediatas para proteger e restaurar as restantes zonas húmidas. Isso inclui a identificação de áreas prioritárias para conservação e restauração, a implementação de práticas agrícolas e de desenvolvimento urbano mais sustentáveis e o fortalecimento dos esforços de conservação globalmente. Esta é também uma questão de justiça social e intergeracional, que garante que as gerações futuras tenham acesso a um ambiente saudável e vantajoso.

Portanto, é hora de agir. Devemos aproveitar a oportunidade para garantir que as perdas não se agravem ainda mais. A preservação das zonas húmidas não é apenas uma opção, mas uma necessidade urgente para garantir um futuro sustentável para o nosso planeta e para todos os seres vivos que nele habitam.

## Referências

MBarata, C. (2023, 9 de fevereiro). Em três séculos, perderam-se pelo menos 21% das zonas húmidas do mundo. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/02/08/azul/noticia/tres-seculos-perderamse-menos-21-zonas-humidas-mundo-2037992>

One Seven Studios.(2021, 14 de outubro). Reflexo de sol na água [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/agua-luz-solar-reflex%C3%A3o-raio-de-sol-6706894/>

# Grupo 4

Alice Ferreira  
Beatriz Brás

# A tática de autodestruição



O *cartoon* publicado no jornal PÚBLICO no dia 11 de novembro de 2023, na rubrica “BARTOON”, de Luís Afonso, chamou a nossa atenção devido ao assunto que está aí implícito e que retrata muito bem uma das nossas perplexidades: será que a nossa definição de evolução corresponde ao que podemos ver no mundo atual?

Desde os primórdios da Humanidade, o ser humano tem vindo a evoluir, dos tempos em que se vivia em cavernas, passando pelas primeiras civilizações até se chegar às sociedades de hoje em dia. Evoluímos em muitos aspetos, porém parece que, nas últimas décadas, temos vindo a regredir. Podemos culpabilizar as diversas manifestações de ódio que têm surgido em várias nações ou as diferenças entre nós, mas as guerras e conflitos são todos originados pelo Homem.

Este *cartoon* critica as “táticas de guerra” usadas por nós, como, por exemplo, o uso das armas nucleares. Estas tiveram a sua origem em 1945 e foram usadas pela primeira vez no contexto da Segunda Guerra Mundial. Hoje em dia, os Estados Unidos da América e a Rússia têm mais de 90% dos armamentos nucleares do mundo, sendo essa uma das razões de serem grandes potências mundiais. É extremamente preocupante o ser humano utilizar a sua inteligência para fins violentos e destrutivos e não para o seu benefício. O futuro que nós vemos tende a repetir o passado; em vez de aprendermos com os nossos erros (as guerras e todas as suas consequências), corremos o risco de nos limitarmos apenas a repetir a História.

Concluindo, esta pretensa “evolução” pode levar-nos a cair num abismo. Até que ponto ainda vamos a tempo de a reverter? Ou cairemos em queda livre com o resto do mundo?

## Referências

Afonso, L. (2023, 11 de novembro). Bartoon. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/bartoon/11-11-2023>

# Pés na Terra, cabeça na lua



Escolhemos falar do artigo “Em menos de meia hora, o Japão alunou e tornou-se o quinto país a chegar à lua”, do jornal PÚBLICO, publicado a 20 de janeiro de 2024.

De entre 193 candidatos, o Japão cruza a meta e chega à lua em quinto lugar. Em primeiro lugar, com a medalha de ouro, a União Soviética em 1959; logo de seguida, os Estados Unidos com a medalha de prata em 1969; e finalizando os lugares no pódio, a China em 2013 conquista a medalha de bronze. Em quarto lugar, com uma disputa bastante renhida, a Índia chega à lua em 2023, deixando, assim, o Japão em quinto lugar em 2024.

Com esta corrida espacial talvez fosse melhor parar e analisar o estado do nosso planeta em vez de querer explorar os outros. Vendo do ponto de vista da China, Índia e Rússia, considerando todos os desafios que estes países enfrentam, talvez o mais sábio fosse investir o dinheiro nos seus próprios povos e não em “estadias lunares”. Estadias essas de setenta e seis milhões de euros, que poderiam facilmente ser utilizados para ajudar pessoas carenciadas ou até mesmo o próprio ambiente. Tal como José Saramago proferiu no seu discurso ao receber o prémio Nobel da Literatura em 1998, “(...) afinal nenhum grande passo para a humanidade foi dado (...) o nosso futuro não está nas estrelas, mas sempre e somente na terra em que assentamos os pés.”

O nosso planeta encontra-se em estado crítico relativamente ao ambiente e enfrenta cada vez mais desafios no que respeita à política e à economia. Tendo em conta que a chegada à lua ocorreu em 1969, o discurso de Saramago foi proferido em 1998 e as diferenças para a humanidade de hoje em dia não são muitas, é preocupante que ainda “nenhum grande passo” tenha sido dado. Para além disso, o nosso futuro continua “na terra em que assentamos os pés” e nós continuamos e tentar explorar as estrelas. De certa forma, continuamos com a cabeça na lua e a ignorar totalmente os problemas sociais que devem ser enfrentados.

De uma maneira geral, estão todos mais preocupados em chegar à lua e a procurar vida noutros planetas como um refúgio ao nosso quando deveriam estar mais preocupados em proteger a vida na Terra. Será que vale a pena “conquistar” outros planetas à custa do nosso?

## Referências

Ramalho, T. (2024, janeiro 19). Em menos de meia hora, o Japão alunou e tornou-se o quinto país a chegar à Lua. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/01/19/ciencia/noticia/menos-meia-hora-japao-alunou-tornouse-quinto-pais-chegar-lua-2077443>

Wikimages. (2012). Astronautas americanos [fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/esta%C3%A7%C3%A3o-espacial-aterragem-na-lua-60615/>

# Redenção Portuguesa?



O artigo «Humberto Adami: “Portugal tem de pedir desculpas a todos os cidadãos negros”», publicado no jornal PÚBLICO a 1 de maio de 2024, chamou a nossa atenção por desenterrar um tema que já deveria ter vindo à tona há muito tempo. O autor deste artigo cita o Presidente da República Portuguesa, quando este sublinhou a importância de um pedido de desculpas de Portugal, que tem a “obrigação” de “liderar” o processo de reparação aos países que foram colonizados.

A escravidão não é um assunto desconhecido por ninguém, remontando a tempos antigos na História da Humanidade. No entanto, durante a era dos Descobrimentos, ganhou novas dimensões, estando associada às práticas colonizadoras de países como Portugal, Espanha, Inglaterra e França, que utilizaram a mão-de-obra escrava, principalmente africana, para explorar e colonizar as Américas e outras regiões do mundo. Até hoje prevalecem nos países outrora colonizados as consequências dessa escravatura, justificando-se, por isso, no nosso entender, o debate sobre as medidas de reparação que se podem tomar.

Efetivamente, há muito que estas medidas de reparação já deviam ter sido desenvolvidas ou pelo menos debatidas pelos países que já foram colonizadores, como é o caso de Portugal. É fundamental lembrar, por exemplo, que o Brasil é uma das nações mais profundamente marcadas por esse legado racista, enfrentando até hoje o impacto de gerações de violência e desumanização. Logo, o mínimo que se impõe é um pedido de desculpas, que dará visibilidade a todo esse sofrimento e trará uma “sensação de justiça” aos cidadãos das ex-colónias.

Resumindo, os povos que foram colonizados sofrem, até aos dias de hoje, pelas atrocidades de que foram vítimas no passado e que são esquecidas por muitos. Já é tempo de Portugal redimir-se das injustiças cometidas, confrontando o seu passado escravocrata e assumindo a sua responsabilidade histórica.

## Referências

Rodrigues, A. (2024, maio 1). Humberto Adami: “Portugal tem de pedir desculpas a todos os cidadãos negros”. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/05/01/sociedade/noticia/humberto-adami-portugal-pedir-desculpas-cidadaos-negros-2088854>

PublicDomainPictures. (2012). Sem título [fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/correntes-p%C3%A9s-areia-bondage-pris%C3%A3o-19176/>

# Grupo 5

Gonçalo Neves  
Leonor Crespim  
Patrícia Haganu



# Morrer é a única saída?



Refletimos sobre a notícia “O hospital de Al-Shifa enterra os mortos que não conseguiu tratar”, por nos relatar o ambiente de terror vivido em Gaza nos últimos dias, contrariando um princípio básico dos direitos humanos, que é o de todas as pessoas, adultos e crianças, poderem viver em paz.

O estado crítico do hospital AL-Shifa, conforme descrição apresentada na notícia, leva-nos a pensar no quão cruéis as pessoas podem ser umas com as outras. No texto refere-se que, como não há luz, os bebés prematuros estão fora das incubadoras e sem oxigénio, logo acabam por morrer devido à falta de condições. Num ambiente normal isto não aconteceria e aqueles recém-nascidos teriam condições para sobreviver. Além disso, os cadáveres nas ruas passaram a ser uma coisa comum em Gaza e as famílias não os podem enterrar e dar um fim digno aos seus entes queridos, pois não se atrevem a sair de casa.

No hospital Al-Shifa, as condições estão a deteriorar-se rapidamente, com os médicos a tentar manter vivos os pacientes e a enterrar aqueles que não conseguem sobreviver. Os profissionais de saúde não têm condições para tratar de todos aqueles que precisam de ajuda médica e têm estado a fazer o impossível todos os dias. Além disso, podemos perceber, com base no texto, que o “o ponto sem retorno” do sistema de saúde em Gaza faz com que muitas grávidas temam os partos e deem à luz nas ruas ou nos escombros devido à sobrelotação dos locais considerados menos inseguros e à falta de água e alimentos, o que é uma situação absolutamente revoltante.

Concluindo o nosso raciocínio, todos os seres vivos deviam ter o direito de receber cuidados médicos e de serem tratados com dignidade, em todas as fases da sua vida, mesmo em contextos de guerra, nos quais a população civil deve ser sempre resguardada.

## Referências

Guimarães, M. (2023, 14 de novembro). Hospital Al-Shifa, o maior de Gaza, enterra os mortos que não conseguiu tratar. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/11/14/mundo/noticia/hospital-alshifa-maior-gaza-enterra-mortos-nao-conseguiu-tratar-2070227>

Hosnysalah (2023). Sem título [fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/crian%C3%A7as-destrui%C3%A7%C3%A3o-inf%C3%A2ncia-8221325/>

# O mundo em aquecimento



O aumento da temperatura média global em todo o planeta é um assunto que está na ordem do dia, pelo facto de o ano de 2023 ter registado máximos nunca antes atingidos, mas, em rigor, este assunto não é propriamente uma novidade. Na notícia, chama-se a atenção para uma pergunta que tem deixado algumas pessoas perplexas: se o aumento da temperatura global do planeta terra é uma certeza, como explicar que o mesmo não se tenha verificado na Europa?

Uma análise global poderá não ser suficiente para explicar os fenómenos e as alterações responsáveis pelas diferenças registadas no ano de 2023. Desta forma, será necessário investir numa análise a diferentes escalas, que responderá melhor às questões das diferenças meteorológicas e climáticas. Os compromissos dos diferentes países, assumidos voluntariamente, para reduzir, por exemplo, as emissões de gases com efeito de estufa, revelam-se altamente insuficientes.

Apesar das muitas incertezas quanto à capacidade de cumprir os limites do acordo de Paris, há uma certeza: a manta protetora da "nossa casa", o planeta Terra, protege-nos da radiação solar, pelo que, se não cuidarmos da atmosfera, todos os seres vivos sofrerão com o aquecimento que resultará da combinação de muitos fenómenos (chuvas, incêndios, etc...) e os seus efeitos serão difíceis de prever, embora saibamos que será inevitável, por exemplo, o recuo do gelo nos polos.

Em suma, a ação humana e a experiência passada reforçam a necessidade de estarmos atentos aos processos naturais face à incerteza da evolução da temperatura média global do nosso planeta.

## Referências

Barata, C. (2024, 9 de janeiro). 2023 foi o ano mais quente das nossas vidas e 2024 continua a aquecer. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/01/09/azul/noticia/2023-ano-quente-vidas-2024-continua-aquecer-2076169>

The Digital Artist. (2017, 16 de abril). Sem título [fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/illustrations/das-altera%C3%A7%C3%B5es-clim%C3%A1ticas-2254711/>

# Será que ao fim de tantos anos a reforma recompensa?



A notícia publicada no dia 8 de maio de 2024 no jornal PÚBLICO apresenta uma análise das reformas dos idosos em Portugal. Na nossa opinião, a situação da reforma em Portugal devia ser mais debatida, pois, tal como o título da notícia indica, “Mais de 13% dos pensionistas continuam a trabalhar após a reforma”.

Como foi referido na notícia, há um número significativo de pessoas que continua a trabalhar depois de se reformar, isso para suprir as suas necessidades financeiras, segundo o inquérito do INE. Na nossa perspetiva, as pessoas que trabalham a vida toda em prol da nossa sociedade deveriam ser devidamente recompensadas após a reforma. Portugal é um país muito envelhecido, com um índice de envelhecimento de 183,5 idosos/100 jovens, apresentando uma esperança média de vida (EMV) cada vez mais elevada (81 anos). A idade da reforma é indexada à EMV, por isso a tendência é para a idade de reforma aumentar e os valores continuarem baixos.

Importa notar que os idosos já são um dos grupos etários mais sujeitos a risco de pobreza, com valores superiores à média nacional e com pensões médias de apenas 687,41€. Muitos dos reformados recebem um valor muito pequeno em comparação com os anos de trabalho. Por outro lado, é importante garantir que os trabalhadores mais velhos não sejam explorados e que tenham boas condições no trabalho, respeitando também o seu direito de descanso. Devemos, igualmente, assegurar a qualidade de vida a esses reformados. Além disso, achamos que cada pessoa deveria receber o que merece independentemente do seu género; desigualdade salarial com base no género é absolutamente inaceitável.

Em suma, este é um assunto que nos preocupa, pois todos temos familiares reformados e um dia, também, nós próprios seremos reformados. Assim, deveremos assegurar uma melhoria nas reformas para garantir qualidade de vida, tanto para os reformados de hoje como para os de amanhã.

## Referências

Martins, R. (2024, 8 de maio). Mais de 13% dos pensionistas continuam a trabalhar após a reforma. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/05/08/economia/noticia/13-pensionistas-continuam-trabalhar-apos-reforma-2089690>

Jhenning. (2022, 17 de agosto). Sem título [fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/aposentado-aposentados-idoso-casal-7390179/>

# **Grupo 6**

Beatriz Afonseca  
Vitória Monte

# Será este o caminho?



Ao folharmos o jornal PÚBLICO, do dia 8 de novembro de 2023, deparámo-nos com um artigo chocante – “Os ataques israelitas são “numa escala que não vimos antes” – que reflete a trágica realidade de muitas vidas localizadas na Faixa de Gaza, como consequência dos ataques israelitas.

Com a informação fornecida por Maria João Guimarães, ficamos a saber que, segundo o Ministério da Saúde, morreram mais de 10 mil pessoas em pouco mais de um mês de guerra. É evidente que este facto viola um dos direitos humanos, respetivamente o direito à vida. Pensamos que nenhum conflito terrorista justifica o homicídio de gerações. Porque, afinal, são futuros aniquilados por uma guerra injusta, no sentido em que causa vítimas mortais que em nada interferiam no contexto político da situação. Este conflito arrasta-se há décadas, com reivindicações de ambos os lados, pelo que se torna extraordinariamente complexo estabelecer a paz entre as nações. Infelizmente, a utilização de recursos fatais à humanidade, às infraestruturas e ao país propriamente dito, só prova que a sede de poder faz com que os grandes líderes pisem os inocentes, sem qualquer piedade.

Em suma, pensamos que as guerras – para além de serem atos moralmente incorretos – demonstram a falta de empatia do ser humano pelo próximo, pois, independentemente do que se almeja, não se deve destruir os direitos de alguém. É doloroso saber que isto ainda acontece na atualidade, visto que, aparentemente, nada se aprende com os exemplos do passado.

## Referências

Guimarães, M. (2024, 7 de novembro). Ataques israelitas em Gaza são “numa escala que nunca vimos antes”. PÚBLICO.

Shutterbean. (2016, 25 de novembro). Sem título. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/bombeiros-agua-mangueira-respingo-1851945/>

# Estará a nossa segurança em risco?



O *cartoon*, da autoria do cartoonista Luís Afonso, publicado no dia 6 de fevereiro no jornal PÚBLICO faz-nos refletir sobre a greve da Polícia de Segurança Pública (PSP), através de um diálogo entre uma senhora e o empregado do bar, que criticam esta situação por meio de uma sátira.

Entre todas as publicações, este *cartoon* chamou a nossa atenção, pois aborda um assunto muito importante, uma vez que pode trazer problemas na nossa sociedade durante o período da greve policial. A falta de policiamento pode ter graves consequências no âmbito da segurança pública, devido à ausência destes agentes, responsáveis por evitar confrontos e estabelecer diretrizes nos eventos que reúnem muitas pessoas e que são propícios a conflitos.

Como foi evidenciado nos últimos dias, houve o adiamento do jogo Famalicão-Sporting, uma vez que não havia polícias para garantir a segurança das pessoas que estavam no estádio, tendo mesmo havido feridos, na sequência de um confronto. O protesto das forças policiais tem por base o baixo salário que recebem em comparação com outros setores, nomeadamente, os inspetores da Polícia Judiciária, o que causa transtorno e um sentimento generalizado de injustiça entre essa força de segurança.

Concluindo, a nosso ver, mesmo que a greve seja um direito dos polícias, continua a ser notório o impacto da ausência dos mesmos no nosso quotidiano, visto que eles são imprescindíveis para manter a paz pública e combater os atos de violência.

## Referências

Afonso, L. (2024, 6 de fevereiro) "Bartoon." PÚBLICO.

# Inteligência artificial: um divisor de águas



A notícia escolhida por nós, da autoria da jornalista Karla Pequenino, publicada no jornal PÚBLICO a 2 de maio de 2024, aborda o uso da Inteligência Artificial (IA) em ambiente escolar, tema controverso, que consideramos particularmente importante nos dias de hoje.

Algumas aplicações de IA, como o ChatGPT, estão a ser cada vez mais usadas pelos alunos como ferramenta de apoio à realização de tarefas, dentro e fora da sala de aula. Este facto tem sido discutido na sociedade, já que, ao recorrerem à tecnologia, os estudantes estão também sujeitos a debilitarem o desenvolvimento das suas competências, da criatividade e do pensamento crítico. Além disso, a IA não se torna uma ameaça somente nas escolas, mas também no quotidiano, tal como o afirma um estudo de 2020 publicado na revista Nature, citado no artigo, segundo o qual, por exemplo, os indivíduos que usam frequentemente o GPS tendem a ter uma memória espacial reduzida.

Por outro lado, também é notório o impacto positivo associado ao bom aproveitamento da IA em sala de aula, como o referem vários professores citados por Karla Pequenino, como, por exemplo, a professora Amélia Soares. Esta docente introduziu a IA nas suas aulas de Ciências Naturais, tornando a aprendizagem dos seus alunos mais motivadora e estimulante, ao desafiá-los a explorar imagens concebidas por IA de espécies de seres vivos que poderiam existir em novos ecossistemas. Este e outros exemplos mencionados no artigo mostram-nos que é possível, enquanto alunos, usufruirmos dessas ferramentas de forma ética e sem perdermos a nossa própria autonomia ou pensamento crítico; basta aprendermos como as introduzir no nosso estudo quando for necessário.

Em suma, na nossa perspetiva, o acesso à IA pode trazer resultados tanto positivos quanto negativos, dependendo do modo como a usamos. Por isso, é essencial que a escola mostre aos alunos como devem evitar os riscos inerentes à sua utilização e como devem tirar partido das suas vantagens para a aprendizagem.

## Referências

Pequenino, K. (2024, 1 de maio). A IA chegou às salas de aula. Onde entra o professor? PÚBLICO.

Guyeen0905. (2022, 5 de abril). Sem Título. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/illustrations/ai-intelig%C3%Aancia-artificial-7111802/>

# Até onde emigrará o nosso futuro?



A notícia que escolhemos, da autoria de Manuela Micael, foi publicada a 26 de maio de 2024 no jornal “CNN Portugal” e aborda um assunto bastante relevante, uma vez que diz respeito à emigração dos jovens portugueses qualificados para o estrangeiro, em busca de melhores oportunidades.

Este artigo chamou a nossa atenção, visto que se trata de uma realidade que tem sido cada vez mais recorrente na vida de muitos estudantes portugueses, que enfrentam dificuldades relativamente aos seus progressos académicos. Na notícia, foram mencionados dois jovens provenientes dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, Manuel António Rodrigues e Matilde Pacheco, respetivamente. Ambos emigraram para os Países Baixos, que é o principal destino da esmagadora maioria dos universitários, dado que oferece melhores condições e salários em comparação com Portugal, refletindo-se numa melhor qualidade de vida. Os jovens declaram que vivem uma experiência única, porque lhes permite conhecer novas culturas e pessoas, para além de darem seguimento aos seus estudos e, simultaneamente, conseguirem suportar as despesas; não só graças ao que recebem em trabalhos *part-time*, mas também ao apoio financeiro do governo neerlandês para alojamento e transporte e pela cobertura de quase 100% das propinas. Trata-se, por isso, de um contexto impossível de se realizar em Portugal. De facto, não é de admirar que não se arrependem nem um pouco da decisão radical que tomaram.

Nós, enquanto alunas de Geografia, aprendemos os movimentos migratórios no programa do 10.º ano e, no que toca à emigração, vimos que as que têm carácter definitivo têm vindo a aumentar, maioritariamente, no caso dos cidadãos de qualificação mais elevada, já que o território nacional é incapaz de absorver esta mão de obra especializada.

Em suma, no nosso ponto de vista, lamentamos a saída destes jovens do nosso país, o que afeta o desenvolvimento do mesmo. Infelizmente, acreditamos que esta situação irá continuar a agravar-se e, futuramente, poderá ser uma de nós a escolher tomar essa iniciativa.

## Referências

Micael, M. (2024, 26 de maio). O que é que a Holanda tem? Há cada vez mais estudantes portugueses a ir estudar para este país. “É a melhor experiência da minha vida”. *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/paises-baixos/holanda/o-que-e-que-a-holanda-tem-ha-cada-vez-mais-estudantes-portugueses-a-ir-estudar-para-este-pais-e-a-melhor-experiencia-da-minha-vida/20240526/6647996cd34ebf9bbb3da91c>

Public Domain Pictures. (2014, 5 de abril). Sem título. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/passaporte-estados-unidos-315266/>



# Grupo 7

Ema Pinheiro  
Rayane Coelho

# Caso Cláudia Simões: a aflição do racismo!



No dia 5 de novembro de 2023, o jornal PÚBLICO noticiou o estado em que se encontra o processo jurídico de Cláudia Simões, que foi agredida por um polícia em janeiro de 2020 na Amadora, à frente da própria filha, que sofre com as consequências do ocorrido até hoje.

Tudo se iniciou quando Cláudia e sua filha, que na altura tinha 8 anos de idade, entraram no autocarro sem o passe da menor, alegando a mãe que o outro filho estaria à espera na paragem de destino com o documento. Mesmo assim, o polícia Carlos Canha, que estava fora de serviço e se encontrava nas imediações, foi chamado pelo motorista. Chegando ao local, o agente iniciou uma abordagem extremamente violenta e covarde, usando a força física para manietar Cláudia Simões e dando continuidade às agressões dentro da viatura, tanto físicas como verbais. Importa referir que todos estes acontecimentos foram observados por dois outros agentes da PSP que se mantiveram passivos durante todo o tempo.

Será que esta situação não poderia ter sido evitada? A atitude dos agentes, principalmente a de Carlos Canha, foi extremamente desrespeitosa, racista e assustadoramente covarde. Sim! Entendemos a ação do motorista em relação à cobrança do bilhete, mas, mesmo relativamente a este assunto, é importante notar que a menina tinha apenas oito anos, e não precisava de o pagar, visto que só se paga a partir dos doze. Por isso, temos todas as razões para acreditar que este caso configura, sobretudo, uma situação de racismo e preconceito.

Em suma, ainda que houvesse razões para alguma intervenção policial neste caso, a abordagem que foi usada nunca deveria ter existido. A violência desproporcional e injustificada sobre uma mãe não trouxe apenas consequências traumáticas para a vítima, mas também para a sua filha, que até hoje recebe acompanhamento psicológico. Por isso, urge interrogarmo-nos: não poderia esta situação ter sido evitada?

## Referências

PG, S. (2024, 1 de maio). Início do julgamento do caso Cláudia Simões. *PÚBLICO*.

Thisabled. (2018, 22 de maio). Racism is not patriotism. [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/assinar-sociedade-racismo-3422241/>

# Violência doméstica: a justiça em falta



A notícia publicada pelo jornal PÚBLICO, no dia 5 de janeiro de 2024, sobre a nova estratégia para vítimas de violência doméstica, que prevê a criação de respostas eficazes para retirar os agressores de casa, é um passo crucial na luta contra esse grave problema social. A violência doméstica é uma realidade alarmante que afeta milhões de pessoas (crianças, adolescentes, idosos, homens ou mulheres) em todo o mundo, e é fundamental que sejam implementadas medidas concretas para proteger as vítimas e prevenir novos casos.

A criação de respostas que visam retirar os agressores do ambiente familiar é uma abordagem que pode salvar vidas. Muitas das vítimas sentem-se aprisionadas nos seus próprios lares, com medo de solicitar ajuda ou denunciar os seus agressores; por isso, proporcionar alternativas seguras e eficazes para remover os agressores do ambiente doméstico dará às vítimas uma oportunidade de receber apoio e iniciar o processo de recuperação sem o constante temor pela sua segurança e integridade não só física como mental.

Além disso, essa nova estratégia trará também um reforço nos serviços de apoio às vítimas, incluindo abrigos seguros, aconselhamento psicológico e assistência jurídica. É, igualmente, essencial que as vítimas tenham acesso a uma rede de apoio que as auxilie em todas as etapas do processo, desde o momento da denúncia até à reconstrução das suas vidas.

Em suma, é importante entender que não deveriam ser as vítimas de violência doméstica a ter de renunciar às suas próprias vidas. Pelo contrário, deveriam ser ouvidas e estimuladas a fazer a denúncia, pois, enquanto vários agressores andam por aí à solta sem qualquer remorso por aquilo que fizeram, existem milhares de vítimas presas numa vida de temor, insegurança e instabilidade. Por isso, perguntamos: quanto tempo falta para se dar o passo crucial da proteção de vítimas de violência doméstica?

## Referências

Pereira, A. (2024, 5 de janeiro). Estratégia para vítimas prevê criar resposta para retirar agressores da casa. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/01/05/sociedade/noticia/nova-estrategia-preve-criar-respostas-retirar-agressores-casa-2075782>

Rosa, R. (2024, 9 de janeiro). O silêncio mata. [Fotografia] <https://ruirosa.pt/apav-85-73-das-vitimas-de-violencia-domestica-sao-mulheres/>

# O sangue do passado respinga no presente!



A notícia sobre um jovem que terá incitado massacres através das redes sociais, publicada no dia 4 de maio no PÚBLICO, chamou a nossa atenção por se referir a um problema sério, que tem vindo a aumentar nos últimos anos. Algo aterrador que nos parecia uma realidade distante tem-se tornado cada vez mais próximo de nós.

Os atentados escolares, aconteçam onde acontecerem, são atos brutais que mostram a importância de levarmos a sério os discursos de ódio propagados pelos canais digitais, visto que muitos dos jovens autores destes atos horríveis seguem os ideais nazis. Casos que não são muito diferentes do de um jovem português de 17 anos que, aparentemente, não sofria de nenhum abuso na escola ou em casa e que persuadia meninas no Brasil a enviarem fotos e vídeos íntimos, ameaçando divulgá-los se elas não se mutilassem. No grupo que geria no Discord, através do qual fazia “difusão de propaganda extremista nazi”, incitava os restantes elementos a cometerem ataques a escolas, causando mortes e ferimentos a inocentes, apenas porque “achava divertido”.

Além do comportamento cruel e sádico, o ideário nazi tem ganhado destaque quando se trata deste tipo de atos hediondos. Como podemos ter uma memória tão curta? Como podemos nós repetir erros que sabemos aonde nos vão levar? As respostas parecem estar na natureza humana, capaz da maior estupidez, crueldade e ignorância. Temos, por isso, de reforçar a consciência, a decência e o conhecimento. Por exemplo, relativamente às redes sociais, apelamos a que haja um grande cuidado no uso destes canais, não só para nos protegermos de ameaças como a relatada na notícia, mas também para evitarmos ser manipulados por discursos de ódio: é importantíssimo questionar sempre aquilo que vemos, ouvimos e lemos na Internet, verificando a veracidade das informações que nos chegam.

Em suma, lembramos que é no passado que podemos tirar lições valiosas e aprender com os erros já cometidos, mas apenas aqui, no presente, podemos tomar a decisão de sermos melhores, evitando o regresso e a propagação de comportamentos que só nos podem levar ao desastre.

## Referências

Oliveira, M. (2024, 04 de maio). Jovem terá incitado massacres chantageava meninas a mutilarem-se. *PÚBLICO*, p. 17.

Sem título [ilustração]. <https://observatoriodegames.uol.com.br/mercado/como-grupos-de-extrema-direita-estao-usando-os-games-para-divulgar-sua-ideologia>

# Grupo 8

Beatriz Matias  
Mariana Amaral

# O racismo invisível torna-se fluorescente



A notícia do jornal PÚBLICO “O racismo invisível torna-se fluorescente”, de 10 de novembro de 2023, fez-nos compreender que o racismo é um tipo de preconceito implantado na sociedade que afeta milhões de pessoas. É uma forma de discriminação baseada na cor de pele, origem étnica ou nacionalidade, que tem de ser abolida de uma vez por todas.

No artigo consultado, uma das entrevistadas, Rebeca Chaillon, diz ter sido influenciada pela hierarquia que viu a cineasta e ativista Amadine Gay impor nos debates em torno do documentário “ouvre la voix/ speak-up 2014”. Rebeca Chaillon e mais de um milhão de pessoas têm este desígnio como batalha diária, por isso é importante percebermos que o racismo não é apenas um problema individual, mas também estrutural. Ele está presente em instituições, leis e políticas que perpetuam a discriminação racial.

O racismo não causa apenas danos emocionais e psicológicas nas vítimas, mas também impede o progresso de uma sociedade justa e igual. Causa desigualdades e limita o potencial de pessoas e comunidades. Rebeca Chaillon acrescenta: “é simpático quando vêm ter connosco no fim e nos dizem “vocês, as mulheres negras, são todas lindas, são deusas, são rainhas”.

Em suma, combater o racismo exige educação, empatia e ação. Antes de agirmos, devemos educar-nos sobre a história do racismo e das suas vítimas. Devemos apoiar comunidades e organizações que lutam pela igualdade racial. Ao fazê-lo, estaremos no bom caminho no que toca a criar uma sociedade onde todas as pessoas sejam valorizadas e respeitadas.

## Referências

Nadais, I. (2023, 10 de novembro). Neste Alkantara Festival, o racismo invisível torna-se fluorescente. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/11/10/culturaipilon/noticia/neste-alkantara-festival-racismo-invisivel-tornase-fluorescente-2069396>

Public Domain. (2021). Protesto [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/mulheres-multid%C3%A3o-protesto-5963963/>

# A necessidade urgente de tomar partido



A notícia do PÚBLICO intitulada "Crise Climática: 2024 começa mal, com o calor de janeiro", publicada a 26 de janeiro de 2024, permite-nos afirmar que o que está a acontecer ao nosso planeta é realmente devastador. Ficamos contentes por saber que ainda existem pessoas otimistas e que acreditam que há ainda salvação para o nosso "lar", mas, infelizmente, nós não pertencemos a esse grupo de pessoas.

Como referido inúmeras vezes no texto, as temperaturas reforçam as preocupações sobre as alterações climáticas. Supostamente, toda a gente sabe as consequências do aquecimento global, mas ninguém toma ações decisivas para melhorarmos isso! Isto deixa-nos a pensar se realmente sabem o quanto isto nos afeta e vai continuar a afetar.

Quando lemos a afirmação que diz: "Recentemente, os cientistas também já alertaram para o risco de a temperatura média global deste ano poder eclipsar a referência crítica do aquecimento climático de 1,5 graus Celsius (2,7 graus Fahrenheit) acima dos níveis pré-industriais", confessamos que ficámos assustadas e preocupadas com o nosso amanhã. Esta frase é só uma pequena amostra do que nos rodeia, mas a que ninguém aparenta dar atenção. É suposto acharmos normal ver pessoas de *T-shirts* e calções em pleno mês de janeiro? Até podemos achar piada ao ver isso, mas, quando realmente percebemos o porquê de isto acontecer, percebemos que não tem assim tanta piada...

Desta forma, há que pensar nas ações que podemos tomar para ajudar; basta quereremos, nem que seja com um mínimo de esforço exercido por cada um de nós. Obviamente que não podemos mudar os danos causados, mas podemos evitar o pior, ou seja, chegarmos a um ponto de onde não haja mesmo volta a dar.

## Referências

Freitas, A. (2024, 26 de janeiro). Crise climática: 2024 começa mal, com o calor de janeiro. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/01/26/azul/noticia/crise-climatica-2024-comeca-mal-calor-janeiro-2078205>

Makabera. (2021, 9 de novembro). Degelo [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/geleira-derrete-clima-natureza-6779628/>

# A revolta do nosso planeta



A notícia "Temperaturas sobem a partir de terça-feira e podem ultrapassar os 30 graus" do jornal PÚBLICO, publicada a 6 de maio de 2024, fala sobre as drásticas subidas de temperatura registadas naquela semana, situação que, a nosso ver, nos prejudica a todos.

Nós escolhemos esta notícia porque achamos que não é "normal" haver esta irregularidade nas temperaturas registadas no mês de maio. A notícia refere que as temperaturas no início de maio podem ultrapassar os 30 graus, criando uma instabilidade enorme no nosso dia a dia. As fortes oscilações nos valores da temperatura afetam diversos domínios da nossa vida quotidiana, nomeadamente a nossa saúde e bem-estar. Além disso, um dos principais fatores que podem influenciar a saúde humana são as temperaturas extremas, originando vagas de calor e de frio.

Todos nós achamos divertido podermos ir à praia em pleno abril e maio, mas, na verdade, isso pode trazer enormes implicações e consequências ao nível social, económico (ex: agricultura, turismo) e ambientais como: extinção de espécies, secas prolongadas, *stress* hídrico, e aparecimento de espécies invasoras, tal como uma maior probabilidade de surgirem doenças como doenças tropicais (ex: dengue), problemas respiratórios, cardíacas, entre outros.

"Na terça-feira vamos ter uma subida na ordem dos cinco a seis graus" - Esta afirmação deixa-nos realmente preocupadas com a saúde do nosso planeta. As mudanças climáticas condicionam, por exemplo, a disponibilidade de água, agrava os períodos de seca em algumas regiões onde a falta de água já existe e leva a um agravamento de secas agrícolas, diminuindo a produção alimentar e afetando os ecossistemas.

Em suma, Portugal é um dos países mais afetados pelas alterações climáticas. Isto deve ser uma fonte de preocupação para todos nós, visto que esta é a forma de o planeta demonstrar a sua "revolta" para connosco.

## Referências

LUSA. (2024, 6 de maio). Temperaturas sobem a partir de terça-feira e podem ultrapassar os 30 graus. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/05/06/azul/noticia/temperaturas-sobem-partir-terca-feira-podem-ultrapassar-30-graus-2089335>

JungR. (2017, 15 de maio). Vale da Morte [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/o-vale-da-morte-parque-nacional-2314018/>



# Grupo 9

Ana Esteves  
Madalena Boaventura  
Mariana Nicolau

# Caso das gémeas



Escolhemos este texto porque achamos interessante a história das gémeas e queríamos aprofundar mais este assunto. De acordo com a notícia, a Inspeção-Geral das atividades em saúde abriu um processo de averiguação à prestação de cuidados de saúde às duas crianças brasileiras que receberam um tratamento de quatro milhões de euros, no hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Este caso parece chocante, pois diz respeito a um hospital público que tratou de duas menores de idade, alegadamente de modo irregular. Mas, analisando-o melhor, vemos que as duas gémeas luso-brasileiras vieram a Portugal, em 2019, para receber o medicamento Zalgensma, um dos mais caros do mundo, usado para tratar a atrofia muscular espinal, que custou ao SNS quatro milhões de euros. Obviamente, as duas gémeas, com o problema difícil que têm, tinham mesmo de receber este medicamento, por ser a sua única forma de melhorarem. A nosso ver, quatro milhões são extravagantes, mas temos de perceber que o que está em causa é a saúde e o futuro de duas crianças.

Tendo em conta a forma como tudo se passou, surgiram suspeitas de que teria havido influência do presidente Marcelo Rebelo de Sousa, que negou, entretanto, qualquer interferência no caso. Segundo o presidente Marcelo, quando as gémeas chegaram ao hospital, os neuropediatras opuseram-se ao tratamento e dirigiram uma carta ao conselho de administração a falar da falta de dinheiro e do facto de as crianças já estarem a receber tratamento do Brasil. Mas isso não é desculpa para não se ajudar a família financeiramente, porque, se os pais daquelas crianças procuraram Portugal, foi porque era a solução mais acessível para eles.

Em suma, achamos que os cuidados de saúde devem ser prestados de forma correta e regular, mas o mais importante deve ser, sempre, salvar vidas.

## Referências

LUSA. (2023, 6 de novembro). Inspeção-Geral da Saúde abre processo ao caso das gémeas tratadas no Santa Maria. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/11/06/sociedade/noticia/inspeccaogeral-saude-abre-inspeccao-caso-gemeas-tratadas-santa-maria-2069206>

Graphical Designer. (2019, 3 de abril). Tratamento hospitalar [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/tratamento-hospital-cl%C3%ADnica-rem%C3%A9dio-4099432/>

## A arte de uma política irônica



A imagem "Vote Hillary", de Deborah Kass, publicada no jornal PÚBLICO, tem corrido mundo ao mostrar, de forma caricatural, uma das figuras políticas mais marcantes da nossa atualidade.

Esta imagem, impressa em cartaz pela artista plástica, com recurso a um estilo de arte *pop*, utiliza cores muito vivas na composição do retrato de Donald Trump para transmitir uma mensagem incisiva e provocadora.

Na imagem, por baixo do rosto centrado de Donald Trump, encontra-se o *slogan* provocativo "Vote Hillary". Este contraste é o que garante que os leitores percebam a mensagem crítica da imagem, pois Deborah Kass, durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos da América, pretendeu desafiar e questionar a imagem pública de Donald Trump, promovendo o seu apoio à outra candidata, Hillary Clinton, reforçando a intenção irónica de paródia e crítica.

Assim, este cartaz é uma forma de propaganda e uma forte crítica à política dos Estados Unidos da América, usando o humor, a sátira e o sarcasmo para despertar consciências.

### Referências

Kass, D.(2016). Vote Hillary. [Ilustração]. Artsy Gallery. <https://www.artsy.net/artwork/deborah-kass-vote-hillary-13>

# Uma negligência destrutiva



Segundo a notícia publicada no jornal PÚBLICO a 17 de maio, as cheias que atingiram o Rio Grande do Sul já são consideradas “históricas”, pela escala de devastação e pelo número de mortes e desaparecidos já registrados. Estima-se que, no total, tenham sido afetadas mais de dois milhões de pessoas.

Efetivamente, até à data, já foram anunciados 151 mortos, 806 feridos, 540 mil desalojados e 104 desaparecidos, sendo expectável que estes números ainda se agravem nos próximos dias. Em termos globais, mais de 20% da área do estado foi atingida por estas cheias devastadoras. Na região de Porto Alegre, a água do lago chegou a atingir o nível de 5,35 metros de altura, tendo ocorrido deslizamentos de terra, desabamento de grandes estruturas, levando até ao encerramento temporário do aeroporto. Em resposta a esta tragédia, o Governo do Brasil anunciou a construção de quatro cidades temporárias para abrigar todos os desalojados, estando também em marcha a implementação de outras medidas urgentes para fazer face às necessidades mais imediatas.

Na nossa opinião, embora as cheias e inundações sejam catástrofes naturais que não podem ser controladas na totalidade pelo ser humano, deveriam ter sido tomadas as medidas preventivas necessárias para minimizar as consequências de eventos desta natureza. Há que apostar na prevenção, já que se espera que catástrofes destas podem ocorrer, implementando as medidas que se considerarem mais adequadas a um plano de emergência eficaz. Em termos concretos, há que planificar a manutenção de barragens, evitar a construção de estruturas muito perto da água e reforçar a preparação dos cidadãos para estas situações.

Em suma, há que apostar em práticas de gestão racional e sustentável dos territórios para prevenir contra eventuais catástrofes naturais e, para isso, é também fundamental a sensibilização dos cidadãos.

## Referências

Pincha, T. (2024, 17 de maio). Como as cheias devastaram em poucos dias o Rio Grande do Sul. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2024/05/17/azul/noticia/cheias-devastaram-dias-rio-sul-2090615>

Jhenning. (2021, 4 de fevereiro). Inundação [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/inundar-agua-p%C3%B3lo-inunda%C3%A7%C3%B5es-5978320/>

# Extremismos e individualidade nas redes sociais



A notícia publicada no dia 6 de maio de 2024 no jornal PÚBLICO, escrita pela jornalista Marta Leite Ferreira, aborda um assunto da atualidade que consideramos preocupante: o aumento das manifestações de extrema-direita.

Os contactos e as relações que as pessoas conseguem manter e desenvolver através das redes sociais têm vindo a aumentar ao longo dos últimos anos, tendo-se generalizado a comunicação virtual em plataformas cada vez mais complexas e apelativas. No entanto, contraditoriamente, essa transformação pode estar associada a um crescente individualismo e, ao mesmo tempo, a uma maior indiferença pelo interesse coletivo, o que pode ser uma séria ameaça às democracias.

É inegável que as pessoas, sobretudo as mais novas, passam imenso tempo em frente aos computadores e telefones, gerindo assim amizades ou conhecimentos sem grandes preocupações. No nosso entender, estes hábitos comunicativos podem conduzir a uma postura egocêntrica mais centrada «no eu», em grupos agressivos, que facilmente se organizam e se manifestam, expressando ideais que vão contra os direitos humanos.

É verdade que vivemos num país democrático. A Constituição Portuguesa garante a liberdade de opinião e de manifestação. Como tal, cada um tem o direito de expressar as suas opiniões, de acordo com o seu livre-arbítrio, o que permite que haja as demonstrações de racismo a que se tem vindo a assistir. Estas atitudes são difíceis de controlar uma vez que a lei não as proíbe. Além disso, se proibirmos esses grupos, eles acabam por se organizar e camuflar os seus atos de outra forma e, por vezes, acabam por atuar de uma forma mais violenta.

Assim, acaba por ser uma ironia que os movimentos de extrema-direita se alimentem do direito de liberdade de expressão, indissociável dos direitos humanos, contra os quais tantas vezes se insurgem. Até quando?

## Referências

Ferreira, M. (2024, 6 de maio). Manifestações da extrema-direita podem aumentar ataques racistas. Proibi-las não é solução. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2024/05/06/sociedade/noticia/manifestacoes-extremadireita-podem-aumentar-ataques-racistas-proibilas-nao-solucao-2089445>

Wokandapix. (2017, 30 de janeiro). No Hate [Fotografia]. Pixabay. <https://pixabay.com/pt/photos/nenhum-%C3%B3dio-palavra-letras-rabiscar-2019922/>



Mundo em Foco © by ES Henriques Nogueira is licensed under CC-BY\_NC 4.0



**Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira**  
**Ano Letivo 2023-2024**

